



*Claudfranklin Monteiro Santos* – Professor Mestre em Educação, Historiador e Escritor Lagartense. Membro da Associação Sergipana de Imprensa (Núcleo de Lagarto) – *franklinmonteiro@oi.com.br*

## 110 ANOS DE RANULFO PRATA

Há dez anos atrás, tive a honra, quando começava essa trilha de articulista da imprensa lagartense, de ter sido o único a lembrar do Centenário de um dos mais importantes contistas que o Brasil já teve. De lá para cá, como será que anda a memória de Ranulfo Prata? Estaria ele figurando na lembrança dos lagartenses e dos sergipanos?

Nascido em Lagarto (SE), no dia 04 de maio de 1896, filho do Coronel Felisberto da Hora Prata e D. Ana Hora Prata, Ranulfo Prata teve passagens por Simão Dias, Estância e Bahia, quando procurou firmar a sua formação educacional. No Rio de Janeiro, doutorou-se em 1920 pela Faculdade Rio de Janeiro. Viveu a maior parte de sua vida em São Paulo, mais precisamente nas cidades de Mirassol e Santos, onde clinicou a medicina.

O dado mais curioso da trajetória de vida desse importante nome da literatura sergipana foi a sua intensa amizade com o escritor Lima Barreto, por quem era chamado de amigo e confrade. Toda essa consideração não se fez à toa. Por várias vezes, conhecedor da medicina de sua época com raro talento, Prata tentou a regeneração do amigo famoso de seu vício do álcool e das repetitivas crises de loucura e inconsciência.

Na literatura, especializou-se em escrever romance e contos, a exemplo de “O Triunfo” (1918), “Dentro da vida” (1922), “O lírio na torrente” (1925), “A longa estrada” (1925) e o consagrado “Navios iluminados” (1937).

Inspirado na vida dos trabalhadores do porto de Santos, “Navios iluminados” está inserida na chamada literatura proletária emergente dos anos 30, a qual procurava retratar a vida dos miseráveis e desafortunados, frutos da saga capitalista. A obra é referenciada por importantes teóricos da literatura brasileira, a exemplo de Marisa Lajolo e de Irenísia Torres de Oliveira - Pesquisadora da Universidade Estadual do Ceará.

Em 1934 escreveu uma série de estudos sobre Lampião, o que lhe valeu o reconhecimento nacional e internacional, servindo de base para o roteiro do clássico filme “O Cangaceiro” (1952 / 1997) e demais filmes cujo tema seja o banditismo social.

Observe essa passagem de “Os Cabras de Lampião”:

*“Quando o cabra se candidata à caterva, "Lampião" encara-o fixamente, como a prescrutar-lhe no olhar, no gesto, no todo, a sua lealdade e bravura.*

*Não raro pede credenciais, indaga do que já fez, se tem proezas apresentáveis, se anda "corrido da justiça". Quando percebe que no coração do novo companheiro lavra o ódio aos macacos, alegra-se e o acolhe com mais simpatia. E avisa gracejador.*

*De duas coisas eu lhe garanto no meu bando, camarada, é você não morrer de queda de rede, nem de indigestão.*

*Compreende-se: de rede não cairá porque cangaceiro não experimenta jamais o seu conforto, dorme sempre no chão da mata dos terreiros e das veredas; indigestão não sofrerá porque o seu regime passará a ser o mais sóbrio possível, pouquíssimo alimento deglutido sempre às pressas” .*

Todos esses predicados lhe valeu o acento da cadeira nº 07 da Academia Sergipana de Letras.

Pelo que tenho observado, ele está mais vivo em Santos-SP do que por aqui (lá há um largo que leva o seu nome e por diversas vezes é tema de estudos acadêmicos e homenagens). Mas também, esperar o quê, em termos de memória daqueles que efetivamente prestaram ou engrandeceram a identidade lagartense, de uma cidade que troca o nome da tradicional Travessa Municipal para Travessa Mineirinho, sem desmerecer o mérito, é claro?